

**O ÚLTIMO
CANTO**





Organização



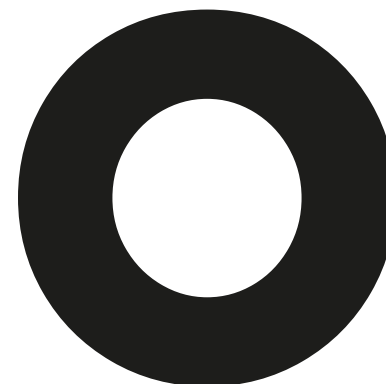
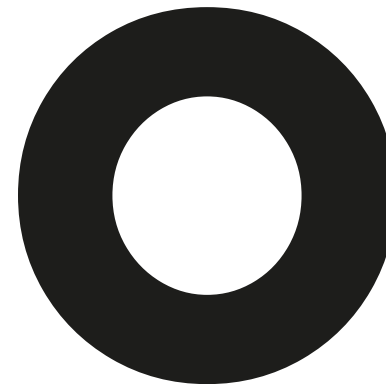
Parceria
Estratégica



Apoio



Apoio à
produção



O Último Canto – Camões e o Destino

de César Viana

Equipe Criativa

César Viana, *composição e libreto*
Larysa Shotropa e João Maria Lourenço,
tradução do texto original de Vassili Jukovski
Miguel Moreira, *encenação*
Brian MacKay, *direção musical*
Anabela Gaspar, *desenho de luz*
Dino Alves, *figurinos / adereços*

Elenco

Camões – Luís Rodrigues, *barítono*
Quevedo – Mário Alves, *tenor*
Vasco Quevedo – Daniela Matos, *soprano*
Jau – F. Pedro Oliveira, *ator*

Coro Záve

Laura Martins, Joana Alves, Grace Feltoe,
Nélia Gonçalves, Alice Vieira e Daniela Matos

Musicamerata Ensemble

Matilde Gonçalves e Luís Pacheco Cunha,
violinos
Isabel Pimentel, *violeta*
Catherine Strynckx, *violoncelo*
Francisco Viana, *contrabaixo*
Katharine Rawdon, *flauta*
Bethany Akers, *oboé*
Daniel Faria, *fagote*
Hélder Rodrigues, *sacabuxa | trombone alto*

Equipe Musicamera

Luís Pacheco Cunha, *produção executiva*
Damaris Lima e Élio Correia, *produção*
Luís Garção e Paula Casanova, *comunicação*

Introdução

Por ocasião da efeméride dos 500 anos do nascimento do mais celebrado poeta português, a Musicamera Produções considerou oportuna a criação de um grande espetáculo de teatro musical que possa ombrear com orgulho na vasta produção artística que, ao longo dos séculos, se vem inspirando neste grande protagonista da nossa cultura.

Partimos, pois, para este desiderato de um texto ainda inédito em português e que constitui, ele próprio, testemunho da enorme influência de Camões na literatura e na arte europeia e mundial — a pequena tragédia Camões, de Vassili Jukovski, escrita em Março de 1839 (extrapolada de obra homónima Camoens, de Friedrich Halm, de 1837). Recomendámos este monumental trabalho ao compositor César Viana, professor no Centro Superior Katarina Gurska, em Madrid e antigo membro do Conselho de Administração do OPART (organismo gestor do Teatro Nacional de São Carlos, em Lisboa). O elenco conta com grandes artistas do meio operático português.

Ópera com libreto e criação musical de César Viana, a partir do poema dramático “Camões”, de Vassili Jukovski e de poemas de Luís Vaz de Camões.

Com o ponto de partida para esta ópera a residir na surpreendente descoberta de um texto do dramaturgo russo do século XVIII, Vassili Jukovski, com o título Camões, cuja trama dramática fornece o ambiente e o contexto perfeitos para uma criação de teatro musical, a cena descreve o encontro de um velho

amigo de Camões, Francisco de Quevedo e do seu filho, Vasco Quevedo Castelo Branco — por muitos considerado o herdeiro literário de Camões — com o poeta, que está já nos últimos anos da sua vida, esquecido e abandonado num asilo.

O drama, na forma muito próximo das Pequenas Tragédias de Alexander Pushkin, exalta a poesia e a criação como elixires da vida e alicerces da condição humana.

Como complemento ao belíssimo texto de Jukovski, que é adaptado e condensado para melhor servir os condicionalismos de uma produção de ópera (como é habitual em qualquer libreto), são introduzidos textos poéticos de Camões com carácter autobiográfico, que vão ao encontro de situações narradas pelos dois amigos no texto de Jukovski.

No que diz respeito à música, ela tem como ponto de partida os paradigmas composicionais e instrumentais do século XVI — a época de Camões.

Apoio à produção

MUSICAMERA.
.produções

Apoio


cerâmica
F.SANTIAGO

Sinopse

Cena 1: O rico negociante Francisco Quevedo de Castelo Branco, um amigo de infância de Luís Vaz de Camões, procura-o num hospício onde sabe que acaba os seus dias. O guarda diz-lhe que é o número 10, e depois de muito procurar acaba por encontrá-lo. Mas Camões dorme na sua esteira e Quevedo espera, para não o despertar, enquanto recorda a razão principal para a sua ida a esse lugar: o seu filho Vasco Quevedo de Castelo Branco, que descara os negócios da família e aspira a ser poeta, querendo imitar o seu ídolo: Camões.

Cena 2: Camões desperta, e a princípio não reconhece Quevedo, pensando ser alguém que quer poemas para alguma ocasião social. Mas ele recorda-lhe episódios da juventude de ambos que o fazem finalmente lembrar-se. No entanto, enquanto relembra episódios juvenis, Quevedo faz-lhe ver que a sua vida foi mais bem sucedida que a dele, o que desperta profunda irritação em Camões. Mas através de lisonja e dissimulação, Quevedo vai conseguindo acalmar Camões, acabando por revelar o seu propósito: que o jovem Vasco, seu filho, veja como acabam os dias de um poeta e resolva dedicar-se aos negócios da família. Resignado, Camões acaba por aceitar a proposta, e Quevedo vai chamar o seu filho.

Cena 3: Como num sonho, Camões recorda as suas viagens por mar até mundos distantes, os seus amores perdidos lá longe, e em particular o seu criado Jau, que é quem anda por Lisboa pedindo esmola para ele e acabou por tornar-se no seu amigo mais fiel. Lembrando o mar, recorda também as difíceis circunstâncias em que salvou o manuscrito dos Lusíadas num naufrágio.

Cena 4: Vasco Quevedo de Castelo Branco, filho de Francisco, vai ao hospício em busca de Camões, mandado por seu pai. Não tendo muitas expectativas em relação às capacidades poéticas do jovem, Camões tenta ao princípio dissuadi-lo das suas pretensões, mas, conforme o vai ouvindo falar, surpreende-se com a sinceridade e nobreza da sua inspiração. Entende então que, tal como ele seguira os passos dos grandes clássicos, é agora a vez de Vasco seguir os seus, e isso dá-lhe uma inesperada tranquilidade, quando sente que são chegados os seus últimos momentos, sentindo que a sua vida não foi em vão. Vasco tenta levá-lo a casa para que se recupere, mas Camões sabe bem que é chegada a hora e morre em paz.

Libreto

Cena 1

Quevedo

Isto é bem alto, acho que não há que subir mais. Disse o guarda que é aqui menos mal, fiquei sem ar.

É então aqui que está?

No registo escreveu: Luís de Camões, o dez, o número dez. Na porta, lá está o número dez. E não sabe nada dele, nunca dele ouviu falar, não faz ideia quem é... Só importa o seu número, não lhe interessa seu nome nem o que possam contar. Luís de Camões, um número, o número dez. O dez.

Meu Deus, que prisão imunda! Que escura, pequena e suja. Paredes sujas, janelas com grades, o tecto tão baixo que me falta o ar. Era a cela para os loucos, mas ele quis ficar só. Mudaram-no para aqui.

Para os loucos? É bem feito. És mesmo esperto, já vejo, és bonito e talentoso! Se eu mandasse metia todos os tontos poetas num hospício como este.

Silêncio! Quem está na cama? Será ele? Será ele? Está a dormir, não lhe toco. Vou esperar que desperte.

Finalmente encontrei, foi difícil chegar cá, posso descansar um pouco...

Se não fosse p'lo meu filho, não estaria eu aqui. Que tonto, não tem juízo... É uma desgraça, não sei que fazer; fuge ao negócio, não cobra os juros... Só pensa nas rimas e sonha noite e dia em ser poeta e ser um dia famoso. Não quer saber do dinheiro, é-lhe igual ser rico ou pobre. Desdenha seu pai, só quer seguir o grande Camões... Grande... olha o teu modelo, Não tem muito que admirar! Aqui está ele, esquecido por todos, cego, doente... É verdade: combateu em Ceuta e até Orão, mas veio parar aqui. Só lhe resta uma espada ferrugenta e um pobre alaúde já sem cordas. Que ganhou com essa vida? A que pode chamar seu? Luís de Camões, o dez! Ria-se de mim, chamava-me palerma e mesmo burro, por fazer os meus negócios... Mas cá estou eu, homem rico,

por todos sou respeitado,
tenho três casas e cinco
galeras, cinco! Levam à Índia
as minhas mercadorias.
Ele foi atrás da glória,
Eu pensei mais na fortuna.
O melhor é que o meu filho
veja bem como acabou.
Depois poderá escolher,
depois de ouvir deste louco
o destino que o espera...
depois de ver uma vida
sacrificada em vão!

Coro

*Vossa Senhoria creia
que não apura o engenho
fome, se é como a que tenho,
mas afraca e corta a veia.
E quem o contrário sente
está farto a toda a hora,
como estou faminto agora.*

Quevedo

Mas move-se e resmunga,
creio que abre os olhos.

Cena 2

Camões

Num minuto passou o meu descanso,
O eterno descanso? O fim de tudo?
Não foi ainda a morte, só a sombra.
(*Quevedo bate à porta*)
Quem é que está aí? É para mim?
Para o pobre Camões? Mas quem sois vós?
Que desejais? Eu acho que é engano...

Quevedo

Não senhor, venho por ti.

Camões

É verdade, escrevo eu poemas,
Que quereis? Versos para um enterro?
Ou um matrimónio? Serenata?
Procure nessa mesa, há de tudo...
É barato, sai tudo a dois reais.

Quevedo

Não, não. Não é nada disso!

Camões

É algo novo então? Não posso já
escrever, tudo acabou. Não sinto
nem penso. Por favor, veja o que há...

Quevedo

Não vim cá buscar poemas...
Mas tu não me reconheces?!

Camões

Senhor, lamento muito, não recordo...

Quevedo

Não pode ser, não te creio!

Camões

Creia-me, não recordo quem sois vós.

Quevedo

Andámos juntos na escola!

Camões

Na escola? Não consigo recordar,
Desculpe, já estou velho e doente...

Quevedo

Andávamos à pancada,
tantas vezes, sem parar...
Eu sou Francisco Quevedo,
e foi Dona Margarida,
tua prima, a minha mãe.

Camões

Tu, Francisco Quevedo? Por aqui?

Quevedo

Pois é, o Quevedo a quem
tu chamavas cabeça
de burro, a quem às vezes...

Camões

Mas que buscas? que queres tu daqui?

Quevedo

Que quero? Queria ver
que tal estás! E não gosto
do que vejo, estás magro
como um morto ressequido!
Já eu, estou bem encorpado...
há que fazer pela vida...
Quem busca felicidade
escorrega no caminho...

Camões

Escorrega, é verdade...
mas porque vens aqui falar da minha
miséria, de meus males sei eu bem...

Quevedo

Não te ofendas, meu amigo!
Mas é verdade que os tempos
mudaram, e nós com eles...
Já não és o cavaleiro
elegante e falador,
não te invejam já os nobres,
não te querem já as damas...
Não és o mesmo Camões!

Camões

É verdade, eu sei. A minha alma
foi vítima do meu cruel destino,
É verdade que a minha vida foi
em vão sacrificada duramente...

Não podes entender... Mas... quem és tu,
não é qualquer Quevedo que me pode
julgar, pois não vislumbra a luz mais alta!

Quevedo

(*aparte*)
Olhem só a presunção!
Se não fosse p'lo meu filho
bem lhe cortava essas asas!
(*para Camões*)
Duras palavras as tuas,
esperava outra atenção
de um companheiro de jogos.

Coro

*Os bons vi sempre passar
no mundo grandes tormentos;
e, para mais m'espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado.
Assim que, só para mim
anda o mundo concertado.*

Quevedo

Bem vejo que estás doente,
senão serias mais fino...
Mas há tanto p'ra lembrar,
tantos jogos e aventuras!
Recordas o prado verde
e a bola de jogar?
E aquele pinheiro alto
que subias tão veloz?
E o jogo do caçador?

Camões

Lembro-me...

Quevedo

Que arriscadas aventuras...
e tu mais do que nós todos!
no rio tivemos medo
e retirámos, só tu...

Camões

Eu queria chegar à outra margem,
mas a forte corrente não deixava.
Foi duro, tanto tempo a resistir,
mas no fim consegui.
Ó bela juventude, ó tempos de oiro!
(pausa)
Francisco, vem, dá-me a mão.
Não sei se éramos
amigos um do outro nesses tempos...
Mas se calhar eu não te conhecia.
Dá-me a mão, tu trouxeste tanto alento,
tanta luz... Dá-me a mão, mesmo que fosses
o maior inimigo, eu teria
que dar-te um abraço em gratidão.
Estou velho, estou sozinho, estas memórias
são brisa que suaviza o meu inferno.

Quevedo

(falado)
Mas conta-me mais de ti!
Eu lá fui para a Figueira
começar a trabalhar.

Camões

O destino levou-me até Coimbra.

Quevedo

(falado)
Pois eu não fui estudar,
fui ajudar um mercante
a contar o seu dinheiro...

Camões

Estudar não chegava, queria mais,

e fui para Lisboa conhecer
a grandeza da corte e seu fulgor.
Até que, sem esperar, me deslumbrei...

Quevedo

(falado)
Eu também me deslumbrei...
com tanta mercadoria!

Camões

...até que a conheci em seu esplendor.
Era bela e serena como o céu
tranquilo quando chega a Primavera...

Quevedo

(falado)
Pois comigo foi igual,
a filha do meu patrão
era a única herdeira,
como ia resistir?

Camões

(não ouvindo)
Que luz no nosso amor! Grato futuro
se anunciava então aos nossos olhos.

Quevedo

(falado)
Como nós! O seu pai disse:
— Vais casar com Dom José!
E ela só obedeceu.

Camões

Mas esse sonho eterno era impossível
Levaram-na p'ra longe dos meus olhos,
num convento tombou o nosso amor.
Quis morrer, aplacar a minha dor.
Soldado, fui lutar, buscando o fim,
Perdi um dos meus olhos pelejando,
não me foi concedido que morresse...

Quevedo

(falado)
Também não acabou bem
o meu romance oportuno.
Morreu quando deu à luz,
mas era única herdeira,
e eu seu fiel viúvo!

Coro

*Já que vos não vejo,
para que é viver?
Vivo sem razão,
porque em minha dor
não a pôs Amor,
que inimigos são.
Mui grande traição
me obriga a fazer
que viva, Senhora,
sem vos poder ver.
Não me atrevo já,
minha tão querida,
a chamar-vos vida,
porque a tenho má.
Ninguém cuidará,
que isto pode ser,
sendo-me vós vida,
não poder viver!*

Camões

Pude sobreviver, mas não esquecer.
Dos mais negros recantos do inferno
foi ela, poesia, que me ergueu.
No seu cáldido abraço me envolveu
e levou-me bem longe, sem sentidos.
Quando enfim despertei, o meu primeiro
poema estava escrito à minha frente.

Quevedo

(falado)
Eu primeiro dupliquei
a fortuna que herdei,

e depois multipliquei
por seis tudo o que ganhei...
Mas diz-me, tu que fizeste
depois de tanta desgraça?

Camões

Não podia ficar. Cruzei o mar
e fui até à Índia, o meu exílio.
Escrevi os Lusíadas, levando este sentir
de um povo aventureiro e sonhador.

Quevedo

Quanto ganhaste com ele?
Há por aí uns rumores...

Camões

Só me trouxe inimigos e rancores
aos anões fui falar de gigantes...

Coro

*Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.*

Camões

O meu sol apagou-se e a minha noite
não tem estrelas no céu que iluminem...
Só me resta um amigo, e também ele
caminha para o fim...
Desde que estou aqui, esperando a morte,
é ele que vagueia p'la cidade
pedindo esmola para o seu Camões...

Quevedo

(aparte)
Basta de conversas tontas,
vou direito ao meu assunto...
(para Camões)
Não teve prémio a glória
que trouxeste ao teu país.

Aqui estás, esquecido e pobre...
Minha cabeça não tem
qualquer coroa de louros,
mas temos de aceitar
que foi certa a minha escolha,
estou bem melhor que tu!

Camões

Não se pode comprar a voz do mar,
não se pode herdar a luz do sol.
Do louro podes ter folhas às dúzias,
mas as suas coroas não se tecem
em negócios de ricos vendilhões...

Quevedo

(aparte)
Estará a trocar de mim?
Dos meus títulos e cargos?
Não perde pela demora...
(para Camões)
Vejo que te ofendi,
mas olha que venho aqui
com amizade e bondade!
Quero tirar-te daqui,
Vem comigo a minha casa.

Camões

Que me dizes? Que vá viver contigo?

Quevedo

Assim é, meu bom amigo...

Camões

És afinal melhor do que pensava.
Mas não seria bom para ninguém,
Não quero incomodar, estou bem aqui...

Quevedo

Mas não é qualquer incómodo,
aliás vou-te pedir
que me faças um favor.

Camões

Não tenho já eu nada a oferecer...

Quevedo

Não é assim, ouve bem:
tenho um filho encantador,
mas desde já algum tempo
não quer saber dos negócios,
só quer escrever poesia...

Camões

Pobre rapaz, delírios juvenis...

Quevedo

Vês então porque te quero?
Quando vir como tu estás,
o seu ídolo imortal,
talvez entenda por fim
que lhe falo com razão.

Camões

Diz-lhe que venha ver-me, tentarei
ajudar como possa. Se tu pensas
que por ver-me sofrer irá mudar...

Quevedo

Obrigado, obrigado.
Que alegria, meu amigo,
vou chamá-lo, não duvido
que virá sem demorar,
ao encontro do seu tão
apreciado modelo!
E com ele, por favor,
vem depois a nossa casa!
Obrigado, obrigado!
Corro então a chamá-lo!
(aparte)
Consegui o que queria,
espero que resulte!
Quanto a este presumido...
que apodreça por aqui!

Cena 3

Coro

*Aquela cativa,
que me tem cativo,
porque nela vivo
já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
em suaves molhos,
que para meus olhos
fosse mais fermosa.*

*Nem no campo flores,
nem no céu estrelas,
me parecem belas
como os meus amores.
Rosto singular,
olhos sossegados,
pretos e cansados,
mas não de matar.*

*Õa graça viva,
que neles lhe mora,
para ser senhora
de quem é cativa.
Pretos os cabelos,
onde o povo vão
perde opinião
que os louros são belos.*

*Pretidão de Amor,
tão doce a figura,
que a neve lhe jura
que trocara a cor.
Leda mansidão
que o siso acompanha;
bem parece estranha,
mas bárbara não.*

*Presença serena
que a tormenta amansa;*

*nela enfim descansa
toda a minha pena.
Esta é a cativa
que me tem cativo,
e, pois nela vivo,
é força que viva.*

Camões

Será chegada a hora? Terei paz?
E o meu Jau sem chegar... terei de estar
sozinho quando chegue o meu momento?
Tu foste o meu escravo, mas sou eu
que dependo de ti para viver...
(chega Jau)
Meu escravo, amigo que me amparas,
Não, não és, nunca foste meu escravo.
Meu Jau, meu companheiro, meu irmão...
Triste mundo de escravos e senhores,
mundo absurdo, que ofende senso e fé.

E eu amei, amei escravas e senhoras,
fui escravo de cativas e senhor
de damas, tão iguais e tão amadas.
Que terror, quando a morte vos levou.
Tão cedo me deixasteis, tão sem tempo.

Coro

*Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no Céu eternamente
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te
Alguma coisa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.*

Camões

Ficou o mar, só ele, eterno mar!

Nas ondas da bravura tão tremenda
ondejaram lembranças e olvidos.

Ficou o mar, só ele, eterno mar!

Foste tu o meu mundo, de Lisboa
até feras Índias, desde a China
até Timor distante, até às Áfricas!
Nas forçosas correntes embalei
meus sonhos, e nas ondas invencíveis
afoguei as memórias das paixões.

Ficou o mar, só ele, eterno mar!

E nadando, resistindo em desespero,
depois de já o barco ter cedido
à fúria impetuosa do teu cenho,
as águas agitadas dominei,
erguendo o manuscrito que escrevi,
salvando esses Lusíadas que são
afinal o que entrega o meu destino,
o que deixo, no fim, em testamento.

Cena 4

Vasco

Disseram-me que é neste lugar...
Sim, aí está Camões, tal como sempre
o tinha imaginado. Tinha um ar
mais altivo mas não importa isso,
mesmo frágil e mais velho, o rosto
mostra o brilho sublime do seu génio.

Camões

Quem é que está aí? Que desejas?

Vasco

Sou Vasco de Quevedo. Sou o filho
de Francisco Quevedo. Ele disse...

Camões

És Vasco de Quevedo? O teu pai...

Vasco

Foi ele que me disse que viera,
Vim para aqui correndo, será cedo?

Camões

Se demorasses mais, seria tarde...
Está o anjo da morte esperando
da minha alma o último suspiro.
Não tardará o fim...

Vasco

...Não pode ser!
Não, o grande Camões não poderá
morrer neste lugar! Tens de viver,
mereces tu na vida algum conforto!
Não percamos mais tempo, tens de vir...

Camões

Dizes bem, não percamos nós mais tempo,
porque o tempo é dom que já não tenho...
Diz teu pai que queres ser poeta.

Vasco

Assim é...

Camões

...pensa bem, és tu ainda
um jovem sonhador e pueril...
aos teus desejos chamas tu amor,
mas esse amor não é capacidade,
e entender não é realizar.

Aspirar aos mais altos céus, não é
conquistar as alturas e a razão...

Vasco

Sei-o bem...

Camões

...pois contempla a tua alma,
que vês lá? Alvorço juvenil?
Desejo de imitar os grandes mestres?

Vasco

Na minha alma... Não sei eu descrever
com acerto a minha inquietação.
Mas deixa-me contar-te a minha história:
Em pequeno vivia para os livros,
não queria saber que se passava,
buscava sempre lesto a solidão.
Pela noite, a luz branca da lua
leva-me a outras terras, fascinantes,
e a seus suaves mistérios não resisto...
As vendas de meu pai não me interessam,
ele quer que eu seja o que não sou.
Um dia, de surpresa, encontrei
um tomo dos Lusíadas, e li.
Li, e soube então que o meu destino
era encontrar o homem que os criou.

Camões

Os teus olhos são olhos de poeta...
Mas deves ter cuidado. Mesmo sendo
verdadeira a luz que te ilumina,
não deixes o caminho que teu pai
te destinou. A sina dos poetas
é amarga, e só nos traz miséria...

Vasco

Não busco eu a fama nem a glória,
não me assustam escolhos no caminho...

Camões

Olha, olha p'ra mim. Não queres tu,
estou certo, acabar teus tristes dias
num hospício sem luz, com cheiro a morte...

Vasco

Não me conheces... Só quero ser asa
que eleva corações que são queridos
a alturas onde a luz do amanhecer
anuncia a vitória inevitável
de um novo dia, alvo e duradouro!

Camões

Queres levar aos brutos a razão...
Mas olha que a ignorância tem poder
e é tão frágil a força das palavras...
Sou eu o tão cruel e derradeiro
exemplo dessa sina dos poetas,
morrendo, esquecido, neste hospício...

Vasco

Talvez esteja aqui o mortal leito
onde descansarás, e desde onde
avistarás em breve a luz divina
da doce eternidade, erigida
pela força invicta dos teus versos.
Neste leito mortal todo eu me curvo,
e comigo se curvam essas almas
de todas as idades, que contigo
voaram bem mais alto, sendo guia
a luz dessas palavras, que capturam
a rima mais antiga e derradeira,
que move o mar, o vento e as montanhas
e traduzem as brisas mais sagradas
onde repousa a doce eternidade!

Camões

Como brilham teus olhos, és poeta!

Vasco

...que me dizes?

Camões

Não duvido nem só por um momento...
os meus membros cansados já pressentem
as correntes dos mares mais etéreos.
Os meus joelhos perdem o vigor
e a minha testa busca o amparo
derradeiro...

Vasco

...mas não! Não te vás já!

Camões

Não deixes a tristeza perturbar
o teu coração.
Tua voz, mostrou-me que não
foi em vão o que sofri.
Meus poemas, seguiram a corrente
ancestral e divina que os antigos
me indicaram. Agora é a vez
de os teus passos pisarem o meu rasto.

Vasco

Mas espera, não curves o teu corpo
tão depressa...

Camões

Meu filho, é a hora.
Deixa-me, vai em paz ao teu destino,
não deixes que adormeça a tua alma.
A escuridão da negra sepultura
já crua não esconde aquela estrela
tão discreta e tão frágil, mas bem certa,
que conserva os segredos do futuro.

*(surge do alto uma luz que cobre Camões, que
ergue os braços para ela)*

Conheço a tua luz, é outra vez
teu gesto, poesia, a indicar
o trilho derradeiro... Vou contigo.

Coro

— *Não passes caminhante.*
— *Quem me chama?*
— *Uma memória nova e nunca ouvida,
de um que trocou finita e humana vida
por divina, infinita e clara fama.*

FIM

César Viana

COMPOSIÇÃO E LIBRETO



César Viana é flautista, compositor, musicólogo e director de orquestra. O seu interesse pela música do interior de Portugal, pelo shakuhachi (flauta de bambú dos monjes Zen japoneses) e pelo Maqam (sistema modal da música árabe), além do seu conhecimento profundo da tradição erudita ocidental, têm uma influência decisiva na sua composição. É professor de análise musical, interpretação de música barroca e composição nos cursos de licenciatura

e mestrado do Centro Superior Katarina Gurska, em Madrid.

Miguel Moreira

ENCENAÇÃO



Curso de Artes e Ofícios do Espectáculo.

Colaborou com o Teatro O Bando desde 1996–2016.

Trabalhou com encenadores como João Brites, João Garcia Miguel, Paulo Castro, Demarcy Mota, Claudio Hochman, Manuel Wiborg, António Pires, Tiago Rodrigues, Carlos Afonso Pereira, Ana Nave, João Perry, António Olaio,

João Ricardo, João Sarabando, Teatro Praga, Susana Vidal, Vitor de Oliveira, Tonan Quito — encenador com qual ganhou o prémio de melhor actor, prémios atribuídos pela SPA em 2016, pela sua interpretação em *Ricardo III*. Foi nomeado para os “Globos de Ouro” para o mesmo prémio.

Como intérprete e criador apresentou espectáculos na Escócia, Inglaterra, Espanha, Itália, França, Alemanha, Colômbia, São Tomé e Príncipe, Dinamarca, México, Coreia do Sul, Bélgica, Holanda, Suécia, Suíça, e em muitas cidades do País. Fundou a Útero Associação Cultural em 1997 onde desenvolveu a sua identidade artística. O Útero foi nomeado para os prémios de melhor coreografia 2012, prémio atribuído pela SPA, com o espectáculo *The Old King* e o mesmo espectáculo foi selecionado para a programação oficial do Festival de Avignon 2012. Dirigiu a Ópera *Orfeu de Euridice*, uma versão para crianças no Teatro da Trindade.

Brian MacKay

DIREÇÃO MUSICAL



Fez a sua formação no Royal College of Music (Londres) e no Instituto Kodály (F. Liszt Academy of Music - Kecskemét / Hungria), onde estudou com Yonty Solomon, Janos Furst, Lawrence Leonard (tornando-se posteriormente seu assistente no Morley College), Sarah Francis, Jeremy Dale-Roberts, Timothy Salter, Edwin Roxburgh, Katalin Kiss, Peter Erdei, Zsuzsa Heyas, Roland Hajdu, o que reflete a visão ampla e diversificada sobre a música que vem sustentando a sua abordagem profissional e experiência. Dirigiu apresentações de criações de

compositores portugueses como Eurico Carrapatoso, António Victorino d’Almeida e estreias de obras de Cândido Lima, Fernando Lapa ou David Miguel. É fruto do seu entusiasmo e dedicação a estreia absoluta de duas novas produções operáticas portuguesas de larga escala, criações do compositor Amílcar Vasques-Dias — *Soror Mariana Alcoforado* (2017) e *Geraldo e Samira* (2019). Recentemente dirigiu também criações das óperas de César Viana — *Debussy e Melisandes* e *O Último Canto – Camões e o Destino*.

Luís Rodrigues

BARÍTONO · CAMÕES



O barítono Luís Rodrigues tem vindo a construir em Portugal uma sólida carreira no domínio da Ópera, sendo uma presença constante nas temporadas do Teatro Nacional de São Carlos. Intérprete de reconhecida versatilidade, apresenta-se também regularmente em Oratória, Concerto e Recital e em estreias de obras de Música Contemporânea, possuindo já importantes registos discográficos em todos estes géneros.

Mário Alves

TENOR · QUEVEDO



Apresenta-se desde 1997 nas temporadas do TNSC, tendo colaborado com a generalidade das instituições musicais portuguesas e cantado nos teatros La Fenice, La Monnaie, Regio Torino, Bam NY, Maestranza, Cairo Opera House, entre outros. Enquanto autor, editou cerca de uma dezena de livros e tem escrito libretos de ópera, guiões de espectáculos musicais e encenado algumas produções operáticas. Dirige o Atelier de Ópera da Esart e a Companhia

Ópera ISTO.

Daniela Matos

SOPRANO · VASCO QUEVEDO



Licenciada em Canto pela Universidade de Aveiro, concluiu o seu mestrado em Canto Barroco na ESMAE em 2021. Colabora com vários coros e ensembles profissionais portugueses como Coro Gulbenkian, Záve Ensemble, Cupertino e Officium Ensemble. Internacionalmente colaborou com Collegium Vocale Gent, sob direção de Philippe Herrewegue e com La Capella Reial de Catalunya sob direção de Jordi Savall. Reside atualmente na cidade

do Porto e gosta de alimentar a sua criatividade através da pintura e leitura de livros de fantasia. É admiradora de Heavy Metal e nos tempos livres joga Dungeons & Dragons com os seus amigos.

F. Pedro Oliveira

ATOR - JAU



Nasceu em Lisboa em 1965.

Curso de Formação de Actores da Escola Superior de Teatro e Cinema. Actor.

Trabalhou com Alexandre Sousa, Álvaro Correia, Antonino Solmer, Carlos Avilez, Carlota Gonçalves e Carlos Gomes, Claudio Hochman, Fernando Gomes, Guilherme Filipe, Isabel Piscarreta, João Brites, Jean-Pierre Tailhade,

José Abreu, José Carretas, José Martins, José Peixoto, Luís Miguel Cintra, Madalena Victorino, Miguel Abreu e Roberto Recchia.

Em 2014 ajudou a fundar a Pro Nobis CRL, e é seu director desde essa data.

Coro Záve

GRACE FELTOE



Soprano australiana/maltesa, estudou na University of Western Australia, com licenciatura em Estudos Musicais. Desde 2015, assumiu o cargo de cantor em diversas paróquias em Perth, Austrália.

Como solista, tem uma vasta experiência em diversas produções e concertos, e, mais recentemente, com especial ênfase na música antiga e música sacra.

Grace é diretora coral. Tem apresentado vários workshops em Londres e Cracóvia e continua a cooperar com outros em Inglaterra em 2024.

JOANA ALVES

É licenciada em canto pela Escola Superior de Música de Lisboa, onde concluiu também o Mestrado em Música – canto.

Apresenta-se regularmente em recitais e concertos a solo, tendo já colaborado com a Orquestra de Câmara de Braga e Músicos do Tejo. Estreou a ópera *Preço do Perdão* de Z. Paulinyi, no papel de Caçula, e *O Jardim* de T. Cabrita, no papel de Madame.

Tem colaborado com ensembles vocais, como Auri Voces, Ensemble Corteto e, mais recentemente, Coro Záve.

NÉLIA GONÇALVES

Apresenta-se regularmente ao lado de músicos e agrupamentos do barroco à música contemporânea.

Participa e desenvolve diversos projetos no âmbito da interpretação da canção e música de câmara, em parceria com diversos instrumentistas e agrupamentos.

Colabora regularmente com diversos agrupamentos barrocos, destacando-se a Orquestra Barroca da Casa da Música.

Realizou a sua formação na Universidade de Aveiro, onde concluiu o Mestrado em Ensino de Música em 2013, e a Licenciatura em Performance – Canto (com distinção).

LAURA MARTINS

Começou a estudar música aos cinco anos, tendo violino como primeiro instrumento. Licenciou-se em violino na Academia Nacional Superior de Orquestra e colaborou com a Orquestra Metropolitana de Lisboa entre 2016 e 2020.

Pertence aos Coros Gulbenkian e do Teatro Nacional São Carlos. É membro do ensemble vocal Záve desde a sua criação. Iniciou em 2019 os estudos de canto e ingressou em 2020 no curso de canto no Conservatório Nacional de Lisboa.

Paralelamente mantém um projeto de música ligeira, em conjunto com Gael de Papel e também faz parte do conjunto Cometa Olímpico.

ALICE VIEIRA

Licenciada em Direção, Teoria e Formação Musical na Universidade de Aveiro, Alice já participou em concursos, workshops, masterclasses de piano, canto, teatro e direção. Trabalha como voluntária da Associação DCTR, em Aveiro. Faz parte de diversos projetos: maestrina do Coro de Santa Joana em Aveiro; cantora no Coro Feminino do Vale do Sousa; pianista no Quarteto Nota do Meio, sediado em Aveiro; cofundadora do projeto Gomo de Tangerina. Já realizou espetáculos a nível nacional e internacional.

Ensemble Musicamerata



Este agrupamento, de geometria variável, acompanha a Musicamera desde há vários anos, participando nos seus diversos projetos como coletivo de solistas ou estrutura orquestral mais tradicional.

Conta, na sua formação de base, com cinco instrumentistas de cordas, cinco sopros, piano e percussão. Mas muitos outros músicos de excelência se apresentaram em várias ocasiões com o ensemble, na recente edição do Festival

Criasons, em produções operáticas, em formações de câmara.

Conforme o repertório frequentado o Ensemble apresenta-se muitas vezes sem direção, outras sob a batuta do maestro Brian MacKay.

Festival de Ópera de Óbidos 2024

Equipa ABA – Banda de Alcobaça Associação de Artes

José Rafael, *coordenador geral*

Susana Martins, *diretora de produção*

Alexandre Ramos, Eduardo Bento e Costa e Dalila Costa, *produção*

Davide Silva, *diretor de comunicação*

David Mariano, Afonso Jorge e Dulce Alves, *comunicação*

Município de Óbidos

Joaquim Paulo, *diretor de comunicação*

Susana Santos, Susana Abrantes, Pedro Pereira, João Escada e Néilson Lança, *comunicação*

Óbidos Criativa



FESTIVAL
OPERA
OBIDOS